

Recebido em: 12/05/2021

Aprovado em: 14/06/2021

Publicado em: 15/07/2021

## OS DESDOBRAMENTOS DO ENSINO DE LACAN NA FILOSOFIA POLÍTICA DE SLAVOJ ŽIŽEK

### THE RAMIFICATIONS OF LACAN'S TEACHING IN SLAVOJ ŽIŽEK'S POLITICAL PHILOSOPHY

Pedro Henrique Marques Silva Mauad<sup>1</sup>  
([psmauad@gmail.com](mailto:psmauad@gmail.com))

**Resumo:** O presente artigo pretende demonstrar as implicações políticas que Slavoj Žižek tira da intersecção entre a filosofia de Hegel e a psicanálise de Lacan. Trata-se de entender como, através da leitura que Žižek faz de Hegel com Lacan, torna-se possível pensar em uma filosofia política de esquerda radical e também os contornos de uma clínica capaz de ir além das atualidades do poder. Em suma, trata-se de pensar de uma perspectiva política emancipatória como a psicanálise de Lacan conjuntamente à filosofia de Hegel, tal como proposto por Žižek, nos fornecem as condições de visualização de um novo *Significante-Mestre* capaz de superar a ordem capitalista vigente.

**Palavras-Chave:** Psicanálise. Filosofia política. Significante-Mestre. Hegel. Lacan.

**Abstract:** This article aims to demonstrate the political implications that Slavoj Žižek draws from the intersection between Hegel's philosophy and Lacan's psychoanalysis. It is about understanding how, through Žižek's reading of Hegel with Lacan, it becomes possible to think of a radical left political philosophy and also the outlines of a clinic capable of going beyond the actualities of power. In short, it is a matter of thinking from an emancipatory political perspective as Lacan's psychoanalysis together with Hegel's philosophy, as proposed by Žižek, provide us with the conditions for visualizing a new Master Signifier capable of overcoming the current capitalist order.

**Keywords:** Psychoanalysis. Political philosophy. Master Signifier. Hegel. Lacan.

\*\*\*\*\*

Slavoj Žižek nasceu em 1949 na cidade de Liubliana, capital da Eslovênia. O fato de ainda estar em plena atividade intelectual e de sua produção teórica além de vasta ser bastante veloz e prolífera, dificulta um enquadramento do autor a partir da totalidade de sua obra, se é que faz sentido falarmos em termos de uma totalidade que poderia ser separada de suas partes ao tratarmos da filosofia de Žižek; quer dizer, talvez fosse o caso de encararmos as partes como

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1219958778669383>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0717-564X>.

manifestações da própria totalidade. Sendo assim, iremos privilegiar, aqui, as implicações políticas que Žižek tira da intersecção entre a filosofia de Hegel e a psicanálise de Lacan.

Žižek se propõe a ler Hegel nos “termos da problemática lacaniana da falta no Outro” (ŽIŽEK, 2017, p. 34), isto é, do que ele considera ser o *vazio traumático contra o qual se articula o processo de significação*. Assim, ele iguala o *Saber Absoluto* no sistema hegeliano com o momento final do processo analítico, *a experiência da falta no Outro, a liquidação da transferência*, o fim da análise. À sua maneira, então, Lacan nos forneceria, segundo Žižek, a verdade da filosofia de Hegel, *aquilo que é nele mais do que ele mesmo*. Mas isso só é possível porque o psicanalista francês *é fundamentalmente hegeliano, mas sem saber*. Para Žižek, o hegelianismo de Lacan não deve ser encontrado onde se espera, nas suas referências explícitas a Hegel, principalmente nos trabalhos daquele que é considerado, segundo a divisão proposta por Jacques-Alain Miller, o ‘primeiro Lacan’. Diferentemente, o hegelianismo de Lacan está na última fase de seus ensinamentos, a saber, “na lógica do não-todo, na ênfase colocada no Real e na falta no Outro” (ŽIŽEK, 2017, p. 35).

É do esforço de relacionar de forma original esses dois autores, até certo ponto distantes e à primeira vista inconciliáveis, que Žižek escreveu, por exemplo, *Menos que nada: Hegel e a sombra do Materialismo Dialético*<sup>2</sup>. Ao final do livro encontramos um texto intitulado *A suspensão política do ético*, no qual Žižek nos convoca a deslocarmos a questão uma vez colocada por Lacan de *qual ética condiz com a psicanálise*, para a pergunta: *Qual política condiz com a psicanálise?* (2013, p. 597) Partiremos dessa indagação, portanto, para pensarmos que tipo de desdobramento do ensino de Lacan realiza Žižek e que tipo de transformação política a psicanálise de Lacan pode oferecer, por mais que sua posição [de Lacan], segundo Žižek, fosse semelhante a de Freud no que diz respeito à política, a saber, de que a psicanálise nada tem a oferecer para a ação política.

## 1 HEGEL COM LACAN

Para Žižek, a maior realização da psicanálise é atingir os “contornos de uma ‘negatividade’, uma força perturbadora, que põe uma ameaça a cada elo coletivo estável” (ŽIŽEK, 2013, p. 597). Desse modo, a psicanálise nos colocaria diante do nível zero da política, uma *condição pré-política de possibilidade da política*. Esse é o nível, nas palavras do autor,

<sup>2</sup> Mas também poderíamos citar outros livros de igual importância, como por exemplo, *O Sujeito Incômodo: o centro ausente da ontologia política* e *A visão em paralaxe*, entre tantos outros.

em que “nada tem lugar, exceto o próprio lugar, enquanto a política propriamente dita intervém nesse lugar com um novo *Significante-Mestre*, impondo fidelidade, dando-nos legitimidade para ‘forçar’ na realidade o projeto sustentado por esse Significante-Mestre” (ŽIŽEK, 2013, p. 597). Ou seja, se a psicanálise lacaniana não nos fornece um programa positivo para a ação política, é porque ela atua nas condições de possibilidade de toda a política. Ao abrir uma lacuna no campo positivo da política através da negatividade, o ensino de Lacan cria novos sentidos para a intervenção política saturar essa lacuna com a introdução de um novo *Significante-Mestre*.

Vejam os como o filósofo esloveno explica a relação que há entre a política e o *Significante-Mestre*. Para ele, a política só é possível porque a sociedade é clivada em seu interior pela impossibilidade de existir plenamente, isto é, a sociedade não tem uma unidade que a legitima enquanto tal, não há um elo de ligação orgânico entre seus membros; o que quer dizer que a sociedade *em si* não existe. Daí que seja necessário a produção de significantes que artificialmente possibilitem a existência do que compreendemos por sociedade. No entanto, tais significantes são vazios, não trazem consigo nenhum conteúdo para além daquele que existe na sua própria superfície. O que difere tais significantes, na política, é a capacidade de cada um de se tornar hegemônico. Žižek diz, “uma vez que ‘a sociedade não existe’, a unidade definitiva só pode ser simbolizada na forma de um significante hegemônico por um conteúdo particular – a batalha por esse conteúdo é a batalha política.” (2009, p. 195). A política, desse modo, é *a luta pelo conteúdo do significante vazio que representa a impossibilidade da Sociedade*. E o conteúdo do significante, por sua vez, é político, uma vez que não há política fora da ordem do significante. Nas palavras de Žižek, “o espaço da política é a lacuna entre a série de significantes ‘comuns’ (S<sup>2</sup>) e o Significante-Mestre (S<sup>1</sup>)” (2009, p. 195).

Com isso temos um primeiro exemplo de como o pensamento de Žižek é marcado pela filosofia de Hegel e pela psicanálise de Lacan; e mais: como o pensamento de ambos os autores guarda uma proximidade que é explicitada na filosofia de Žižek. O Significante-Mestre, termo lacaniano do qual Žižek se apropria, pode ser equiparado àquilo que Hegel denomina Conceito: a unidade racional da coisa na Ideia, isto é, sua Verdade ou efetividade. Por trás de tais termos, o que está em jogo para Žižek é a ordem simbólica enquanto realidade da coisa. A palavra não reflete ou representa a coisa, ela é a própria coisa. A coisa é internalizada e suprimida (*aufgehoben*) em seu conceito existente na forma de palavra. Segundo o autor,

a coisa está mais presente em seu símbolo do que em sua realidade imediata. A unidade da coisa, o traço que faz da coisa a coisa, é descentrado em relação



à realidade da própria coisa: a coisa tem de morrer em sua realidade para chegar, atravessando seu símbolo, à unidade conceitual (ŽIŽEK, 2017, pp. 40-41).

Basta lembrarmos do primeiro capítulo da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, a *certeza sensível*, para percebermos a dialética presente nessa problemática: o sensível, ou seja, a coisa, aquilo que é visado, não é atingido pela consciência, é somente *pelo* universal da linguagem que falamos da coisa. Para além disso que dizemos não há nada, *apenas o não inteligível, o puramente visado*. A coisa, portanto, é uma *multiplicidade* que não deve ser confundida com uma positividade exterior em si; muito mais, mas também muito menos, ela só é enquanto relação dialética com a consciência sempre-já mediada pela universalidade da linguagem. “O falar tem a natureza divina de inverter imediatamente o ‘visado’”, diz Hegel (HEGEL, 2002, p. 92). Também podemos pensar na passagem da natureza ao espírito, do singular ao universal, na *Enciclopédia*. A morte da natureza, isto é, do corpo material, representa sua supressão e superação (*aufhebung*) no emergir do gênero<sup>3</sup>, que suprime o singular e é posto como universal. A morte da natureza é a negação do natural, da singularidade imediata, e com isso a natureza passa para sua verdade, ela efetiva seu conceito ao tornar-se ideia

O fim [alvo] da natureza é matar-se a si mesma e quebrar sua casca do imediato, sensível, queimar-se como fênix para emergir desta exterioridade rejuvenescida como espírito. A natureza tornou-se para si algo outro, para de novo se reconhecer como ideia e reconciliar-se consigo (HEGEL, 2016, p. 556).

Para compreendermos melhor tudo isso, vamos avançar um pouco mais. Passemos para um segundo ponto de intersecção entre o pensamento do psicanalista francês e o do filósofo alemão na filosofia do esloveno: o *tempo lógico*, para Lacan, e a *negação da negação*, para

<sup>3</sup> “É o outro lado, a morte, o suprassumir do singular e, com isto, o emergir do gênero, do espírito; pois a negação do natural, isto é, da singularidade imediata, é isto: que o universal, o gênero é posto, e, sem dúvida, em forma de gênero. Na individualidade este movimento dos dois é o decurso, que se suprassume, e cujo resultado é a consciência, a unidade, que em si e para si mesma é unidade de ambos como Si, não só como o gênero no conceito interno do singular. A ideia existe com isto no sujeito independente, para o qual, como órgão do conceito, tudo é ideal e fluido; isto é, ele pensa, faz tudo espacial e temporal ser o seu, tem assim nele a universalidade, isto é, tem-se a si mesmo” (HEGEL, 2016, p. 555). Também podemos lembrar aqui de uma famosa passagem da *Fenomenologia do Espírito*, em que Hegel diz: “não é a vida que se atemoriza ante a morte e se conserva intacta da devastação, mas é a vida que suporta a morte e nela se conserva, que é a vida do espírito. O espírito só alcança sua verdade à medida que se encontra a si mesmo no dilaceramento absoluto. Ele não é essa potência como o positivo que se afasta do negativo - como ao dizer de alguma coisa que é nula ou falsa, liquidamos com ela e passamos a outro assunto. Ao contrário, o espírito só é essa potência enquanto encara diretamente o negativo e se demora junto dele. Esse demorar-se é o poder mágico que converte o negativo em ser” (HEGEL, 2002, p. 41).

Hegel. Nesse ponto, temos o momento crucial do processo dialético, em que ocorre retroativamente a reversão da antítese na síntese. Vamos ver, primeiramente, como isso acontece em Hegel.

Ao realizar a negação da negação, a consciência, na certeza sensível, alcança o objeto, que num primeiro momento era imediato, mas agora enquanto ‘algo em si refletido’, isto é, o objeto aparece enquanto totalidade de diferentes momentos. O ‘isto’, aquilo que é visado, enquanto certeza imediata e sensível, é negado pela mediação do Eu e da universalidade da linguagem. A coisa é suprimida e superada (*aufgehoben*) na linguagem. Essa negação da imediatez sensível é, por sua vez, também negada (negação da negação), e temos, assim, uma negação determinada. Momento em que a coisa aparece em sua imediatez como verdade, mas agora enquanto totalidade de uma relação universalizada, enquanto movimento que contém em si momentos diversos. Isso quer dizer que muito além de ser um processo linear de estágios da consciência, como se a coisa e a mediação do eu e da linguagem existissem em si mesmos apartados dessa relação dialética, é um movimento que tem sua verdade em uma simultaneidade retroativa. Não há uma relação de causa e efeito entre a palavra e a coisa, o que a negação da negação hegeliana nos mostra é que, para a consciência, a coisa só é coisa enquanto palavra, e a palavra só é palavra na medida em que exprime a imediatez de uma relação universalizada. Negar determinadamente não é agir posteriormente a uma espécie de contato entre a palavra e a coisa, mas sim retroativamente revelar o processo enquanto interdependência de seus momentos. Nas palavras de Žižek,

a reconciliação própria da síntese não é uma ultrapassagem ou suspensão (ainda que dialética) da cisão em algum plano superior, mas sim uma reversão retroativa, que significa que nunca houve cisão alguma - a síntese anula retroativamente essa cisão (ŽIŽEK, 2013, p. 55)<sup>4</sup>.

É ultrapassada, desse modo, a concepção materialista de que o pensar seria resultado da matéria e que, por isso, a ela seria subordinado. Hegel explica como

A causa é suprimida e superada no efeito, o meio no fim realizado, assim aquilo de que o pensar deve ser o resultado está, antes, suprimido e superado no pensar; e que o espírito, enquanto tal, não é produzido por um Outro, mas

<sup>4</sup> Slavoj Žižek tem uma interessante interpretação sobre a retroatividade em Hegel: “a principal implicação filosófica da retroatividade hegeliana é que ela solapa o reino do princípio da razão suficiente: esse princípio só é válido na condição de causalidade linear, quando a soma das causas passadas determina um evento futuro – retroatividade significa que o conjunto de razões (passadas, dadas) nunca é completo e ‘suficiente’, posto que as razões passadas são retroativamente ativadas pelo que é, dentro da ordem linear, seu efeito” (Žižek, 2013, p. 54).

se faz passar a si mesmo de seu ser-em-si ao ser-para-si - de seu conceito à efetividade - e faz daquilo, deve ser posto, algo posto por ele (HEGEL, 2011, p. 48).

Não há passagem de uma coisa à outra e não há predominância da causa em relação àquilo que dela decorre: a causa só se realiza quando já se suprimiu em seu efeito, não há causa alguma enquanto o efeito não a supera ao se efetivar. Até que exista algum efeito, a causa não é causa de nada; o efeito é que porta as condições de uma causa ser determinada. Sendo assim, em consonância com Hegel, poderíamos dizer que a matéria só se realiza enquanto matéria quando é suprimida e superada pelo pensamento, isto é, a matéria só existe na medida em que é pensada, em que alcança seu conceito.

Não é por acaso que Žižek vai identificar na negação da negação hegeliana aquilo que Lacan conceituou como ‘tempo lógico’. Lembremos, rapidamente, como Lacan conclui seu texto *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*<sup>5</sup>. Ele sintetiza o movimento que, em suas palavras, *fornece a forma lógica de toda assimilação humana*, da seguinte maneira:

1. Um homem sabe o que não é um homem;
2. Os homens se reconhecem entre si como sendo homens;
3. Eu afirmo ser homem, por medo de ser convencido pelos homens de não ser homem.

Isso nos mostra que, um homem só sabe o que *não é* um homem ao afirmar ser um por medo de ser convencido pelos outros de que não é. Ser homem, portanto, é uma certeza antecipada de um processo de reconhecimento. A verdade do sofisma que Lacan expõe nesse texto aparece quando ela se antecipa ao erro e avança sozinha no ato que gera sua certeza – a si mesma enquanto verdade –, isto é, o próprio antecipar-se em se afirmar como um homem por medo de não o ser (errar) que o permite saber tanto que ele é, como saber que os outros homens também o são: *ocorre uma referência de um eu aos outros como tais, como sendo outro uns para os outros*. O tempo lógico, desse modo, antes de seguir uma cronologia, se consoma retroativamente ao colocar os seus próprios pressupostos. A síntese (negação da negação), longe de representar, no sentido cronológico, o momento final de um movimento dialético, é a totalidade de uma relação que põe retroativamente aquilo que a antecede ao se antecipar. Nas palavras de Žižek, “ao avançar, ainda não estávamos lá, mas, de repente, já estávamos lá o

<sup>5</sup> LACAN, J. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

tempo todo – o ‘cedo demais’ transforma-se de repente em ‘tarde demais’, sem que possamos detectar o momento da transformação” (ŽIŽEK, 2002, p. 42).

Por fim, antes de tratarmos das consequências políticas que Žižek tira da intersecção entre Hegel e Lacan, convém mencionarmos a importância metodológica do conceito de *paralaxe* para sua filosofia. Podemos dizer que a paralaxe é o ato de seu pensamento, pois quando confrontado com uma antinomia, Žižek renuncia a todas as tentativas de reduzir um aspecto a outro. Ele afirma a antinomia como irreduzível e concebe a crítica *não como uma posição determinada em contraste com outra, mas como a própria lacuna irreduzível entre as posições, o interstício puramente estrutural entre elas*. É assim que, por exemplo, devemos ler as saídas que ele oferece para os impasses que tratamos até agora, desde a questão da impossibilidade da sociedade até a negação da negação: ao invés de buscar uma solução para determinado impasse por meio de alguma das posições em conflito, ele afirma a própria tensão como a verdade do impasse. Longe de oferecer uma conciliação que neutraliza ou apazigua o problema, a paralaxe o implode ao deslocar o modo como se enxerga esse problema. Dito de outro modo, a paralaxe pode ser vista como uma mudança de perspectiva que transforma o fracasso em sucesso, o problema em sua própria solução.

## 2 PSICANÁLISE E POLÍTICA

Com tudo o que vimos até aqui, podemos compreender melhor porque, por exemplo, para Žižek, a relação entre psicanálise e política é a de uma cisão paralática, de um encontro perdido entre um *ainda não* e um *tarde demais*. A psicanálise, como vimos, abre a lacuna antes do ato, e a política, por sua vez, sutura essa lacuna introduzindo uma nova consistência, ou seja, impondo um novo Significante-Mestre. O ato político de imposição de um novo Significante-Mestre muda a própria estrutura que determina como as coisas funcionam, nas palavras do filósofo, *ela transforma os próprios parâmetros daquilo que é considerado ‘possível’ na constelação existente*. É assim que passamos de um *ainda não* para o *sempre-já*: depois de consumado o ato político, é como se sempre já estivéssemos sob suas determinações, embora isso só ganhe efetividade na medida em que é posto retroativamente. Tal forma é análoga ao tratamento psicanalítico da clínica lacaniana, segundo Žižek, pois ao não se limitar em ser o caminho de uma recordação com vistas à verdade interior recalçada, a psicanálise, e mais



especificamente o *ato analítico*<sup>6</sup> em seu momento crucial, realiza o renascimento simbólico do sujeito, uma recriação *ex nihilo* de uma nova configuração simbólica. Pois como muito bem compreendido por Safatle,

Há de ter isso em mente quando ouvirmos Lacan dizer que: “o ato tem lugar em um dizer e ele modifica o sujeito”, ou ainda “o ato destitui em seu fim o próprio sujeito que ele instaura”. Isso demonstra como o ato analítico é solidário de um dizer que, ao invés de meramente exteriorizar o sujeito, modifica-o em uma paradoxal instauração destituente. Essa posição paradoxal talvez explique por que “o ato se realiza da melhor forma ao fracassar”, o que não significa que todo ato seja um fracasso. Há um tipo de fracasso que é resultado da pressão da produtividade do desejo em direção a novas formas, um pouco como os atos falhos são um fracasso da força de determinação da linguagem ordinária. Pois há de sentir a linguagem atual fracassar, confessar sua impotência e transmutar suas categorias (SAFATLE, 2017, p. 220)<sup>7</sup>.

No entanto, e Žižek não se cansa de insistir nisso, a distinção entre o nível zero da lacuna e seu preenchimento com um novo Significante-Mestre deve ser rejeitada por ser falsa, cito: “o nível zero nunca está ‘aí’, só pode ser vivenciado retroativamente, como a pressuposição de uma nova intervenção política, da imposição de uma nova ordem.” A força política da psicanálise, portanto, não antecede *stricto sensu* a própria política, ela atua justamente no momento retroativo em que ao adentrarmos na dimensão do *sempre-já*, somos capazes de postular um *ainda não*. Muito mais do que simplesmente preparar o terreno para a imposição do Significante-Mestre, a psicanálise afirma *a posteriori* a lacuna - o antagonismo que define a condição humana -, é ela quem nos fornece o reconhecimento da lacuna como verdade e possibilidade do Significante-Mestre. De outro modo, a vinculação política com esse novo Significante-Mestre se daria nos contornos de uma ideologização substancialista desse novo, isto é, perderia de vista a condição radical da política ao desconsiderar a lacuna ou inconsistência de toda ordem social, assim como perderia a dialética própria a retroatividade enquanto constitutiva do sentido dos acontecimentos. Tal como a filosofia de Hegel, a experiência clínica lacaniana, para Žižek, seria *a coruja de Minerva que levanta voo na medida*

<sup>6</sup> Nas palavras de Vladimir Safatle: “Um ato é sempre a irrupção de outro tempo e outro espaço, esta é sua função: permitir que o desejo seja cultivado em outro tempo e em outro espaço, que quebra a hierarquia dos lugares, que dessacraliza as distâncias” (SAFATLE, 2017, p. 220).

<sup>7</sup> Como também Žižek irá insistir: “Devemos rejeitar o senso comum segundo o qual, ao desfazer todas as mistificações e ilusões, a psicanálise nos faz conscientes de tudo o que realmente somos, do que realmente queremos, e assim nos deixa no limiar de uma decisão verdadeiramente livre, que não depende mais do autoengano. [...] Uma vez que estamos cientes da contingência radical de nossos atos, o ato moral em sua oposição ao político torna-se impossível, posto que cada ato envolve uma decisão fundamentada apenas em si mesma, uma decisão que é, como tal e no sentido mais elementar, político” (ŽIŽEK, 2009, p. 219).

*em que o crepúsculo cai sobre os eventos do dia reconstituindo o Sentido de todo o processo.*  
(2013, pp. 65-66)

Mais uma vez, então, precisamos nos desvencilhar de qualquer pensamento cronológico e linear ao refletirmos sobre as relações que existem entre o sujeito e a política. Nos limites de nossa linguagem, podemos dizer que o que ocorre é um processo que se dá de trás pra frente, em que o fim antecede o começo. Segundo o modo como Žižek interpreta a seguinte passagem da *Enciclopédia* de Hegel: “a plena realização do fim infinito é somente suprassumir a ilusão de que o fim não foi ainda realizado” (HEGEL, 2012, p. 347), não realizamos esse fim ao atingi-lo, “mas provando que já o atingimos, mesmo que o caminho para sua realização esteja oculto de nossas vistas” (ŽIŽEK, 2002, p. 42). O fim realiza o seu meio.

Essa posição teórica de Žižek não deixa de ser, ainda, uma resposta e alternativa aos desdobramentos realizados por Jacques-Alain Miller sobre o ensino de Lacan. Miller não só estabelece novos contornos e divisões que passam a ser considerados hegemônicos, como também realiza mudanças no que diz respeito ao modo de tratamento da clínica<sup>8</sup>: a partir dos anos noventa ele irá praticar um jogo de conciliações no interior da chamada ‘clínica do real’ ao realizar a junção da inexistência do Outro com o real. A clínica deveria, então, *adequar-se à duplicidade do sintoma*, ser permeável às mudanças sociais e dirigida pela *constância inercial do real*. Ocorre uma conversão da teoria lacaniana em discurso e práticas sociais. O que, na visão de Nelson Ota, permite que a AMP passe a configurar um “espaço experimental para gestão e desenvolvimento de técnicas e mecanismos de controle social nos exatos termos da atualidade do poder” (OTA, 2011, p. 141). A partir dos anos noventa ele passa a se direcionar para o social e para uma defesa da psicanálise aplicada fora do consultório, em outras palavras, para o desenvolvimento de uma ‘psicanálise aplicada à terapêutica’. Numa época em que o Outro já não mais existe e o laço social deslizou em direção ao objeto, a incitação do gozo incorre em novos sintomas clínicos, “pois a plenitude pulsional veio substituir todos os outros ideais anteriormente calcados nas noções de falta e lei” (OTA, 2011, p. 150). De tal modo que a perversão, na visão de Ota, passa a ser alçada à condição de ‘norma social’ e a ‘depressão de mal paradigmático da civilização’.

---

<sup>8</sup> Das mudanças ocorridas no nível teórico, ocorrem, também, outras programáticas que são concretizadas com a criação de novas instituições e programas que visam obter “efeitos terapêuticos rápidos”. São elas: a Rede Internacional de Instituições Infantis (RI), Rede de Instituições de Psicanálise Aplicada (Ripa), o Programa Internacional de Pesquisa em Psicanálise Aplicada de Orientação Lacaniana (Pipol) e, sobretudo, os centros de atendimento (Centro Psicanalítico de Consulta e Atendimento – CPCT), que se iniciaram em Paris, mas hoje já se encontram espalhados pelos países com escolas de psicanálise associadas à AMP.

Outra transformação operada por Miller é a de que a análise deveria seguir a ideia de finais cíclicos do tratamento ao invés de um ‘final final’, subtraindo a *força trágica da problematização* freudiana sobre o fim da análise, excluindo a *esfera da ética* vislumbrada por Lacan para o fim do tratamento. Fazendo do tratamento psicanalítico não *mais uma transformação radical da subjetividade, mas um remendo que nem sequer deixa rastros de longo prazo* (ŽIŽEK, 2013, p. 602). Como apontará, criticamente, o próprio Žižek, Miller abandona as implicações políticas da *travessia da fantasia*, que estaria presente no que ele considera ser o primeiro ensino de Lacan, para afirmar o real do gozo como *a única coisa verdadeira*. Daí ele defender um “tipo particular de hedonismo chamado liberalismo do gozo (*jouissance*)” (ŽIŽEK, 2013, p. 604), no qual o psicanalista, politicamente, *não pode propor projetos, só pode zombar dos projetos dos outros*<sup>9</sup>.

A interpretação milleriana do último ensino de Lacan, desse modo, ao ressaltar o Real em detrimento do simbólico, acaba por atribuir ao Real, e conseqüentemente também ao gozo, uma existência em si, como se ele existisse independentemente dos processos de simbolização. Porém, o gozo, nas palavras de Žižek, “não existe em si mesmo, simplesmente persiste como um resto ou produto do processo simbólico, de seus antagonismos e inconsistências imanentes.” (2013, p. 605). E o Real, por sua vez, só é discernível através dessas inconsistências da simbolização. Por isso que a abordagem liberal e cínica de Miller falha em não considerar a eficácia da tessitura simbólica, isto é, cito, “o modo como podemos intervir no Real por meio do simbólico” (ŽIŽEK, 2013, p. 602). De modo que uma clínica que tem em vista transformações radicais, de acordo com Žižek, só é possível através do horizonte de engajamento político de uma esquerda radical, que imponha como Significante-Mestre uma nova ordem comunista capaz de revolucionar as coordenadas atualmente existentes; sem perder de vista, porém, a irredutibilidade da lacuna social, de seu antagonismo imanente, possibilitando, assim, a abertura do campo social para idiossincrasias realmente autênticas. Como aquela *Utopia de desajustados e esquisitos* que Fredric Jameson menciona em seu livro *As sementes do tempo* e Žižek recupera, uma Utopia em que os seres humanos *desabrocham em neuróticos, compulsivos, obsessivos, paranoicos e esquizofrênicos, todos aqueles que nossa sociedade considera doentes, mas que, em um mundo de verdadeira liberdade, podem construir*

<sup>9</sup> Nas palavras do próprio Miller, o psicanalista “não propõe projetos, não pode propô-los, só pode zombar dos projetos dos outros, o que limita o escopo de suas declarações. O ironista não tem um grande esquema, ele espera que o outro fale e depois provoca sua queda o mais rapidamente possível. [...] Digamos que essa é a sabedoria política, nada mais” (MILLER, p. 109-10).

*a flora e a fauna da própria natureza humana*<sup>10</sup> (2013, p. 604). A verdadeira ilusão, tanto no nível clínico da psicanálise quanto na esfera da política, é não considerar os semblantes simbólicos como reais e, dessa forma, substancializar o Real, “tomar o Real como substancial em si e reduzir o simbólico a uma mera tessitura de semblantes” (ZIZEK, 2013, p. 605). O posicionamento cínico e não engajado dos *liberais*, assim, é que se equivoca ao não considerar a eficácia da tessitura simbólica, o modo como ela afeta o Real e nos dá as condições de intervir nesse Real.

### 3 CONCLUSÃO

O comunismo a ser reivindicado por um engajamento de esquerda radical, portanto, tal como Žižek o conceitua, não seria uma *socialização nivelada por baixo, que restringe as idiossincrasias individuais*, e muito menos, tal como no capitalismo, iria impor *modos padronizados de gozo como condição da mercadorização e do consumo de massa*, mas sim uma capacidade de intervenção e reestruturação no *deserto capitalista do Real* que criaria *espaço para um livre desenvolvimento*. Ao custo de se saber que os mecanismos de repressão não são apenas mecanismos que reprimem, isto é, os próprios mecanismos contra os quais se luta tornam-se investidos libidinalmente por aqueles que lutam, e por isso uma estratégia política emancipatória já não pode mais se pautar por uma resistência imaculada e marginal contra “o poder”, mas sim em pensar em modalidades e formas de ruptura através da saturação do Significante-Mestre da ordem capitalista por um novo Significante-Mestre que seja emancipatório e radical, em suma, comunista<sup>11</sup>. Mas tudo isso só será possível, segundo Žižek, se encararmos seriamente as questões que se colocam frente a esses problemas, ou melhor, nos esforçarmos por formular essas questões, pois a resposta já temos, e nesse sentido nossa

<sup>10</sup> Žižek ainda diz: “é óbvio que Miller critica a padronização do gozo demandada pelo mercado para vender mercadorias, mas sua objeção permanece no nível da crítica cultural padrão; além do mais, ele ignora as condições sócio-simbólicas para o bom desenvolvimento dessas idiossincrasias”.

<sup>11</sup> Nas palavras de Žižek: “o ato político (intervenção) propriamente dito não é apenas aquilo que funciona bem no interior da estrutura das relações existente, mas o que muda a própria estrutura que determina como as coisas funcionam. [...] Também podemos dizer isso nos termos da conhecida definição de política como ‘a arte do possível’: a política autêntica é justamente o oposto, isto é, a arte do impossível - ela transforma os próprios parâmetros daquilo que é considerado ‘possível’ na constelação existente” (ZIZEK, 2009, p. 220). Na mesma chave também podemos pensar a clínica: “o tratamento psicanalítico, em seu aspecto mais fundamental, não é o caminho da recordação, do retorno à verdade interior recalçada, de seu vir à luz; seu momento crucial, o da ‘travessia da fantasia’, designa antes o renascimento (simbólico) do sujeito, sua (re)criação *ex nihilo*, um salto pelo ‘ponto zero’ da pulsão de morte para uma configuração simbólica inteiramente nova de seu ser” (ŽIŽEK, 2009, p. 234).

situação, conforme o esloveno, é semelhante a uma análise em que o paciente já sabe a resposta para seus problemas (seus sintomas são essas respostas), mas ainda não sabe a quais questões ela responde (2013, p. 644). Tal como em uma análise, então, trata-se de encontrarmos as questões que nossos problemas já são a resposta e, assim, trazer à tona o que precisa ser transformado e como precisa ser transformado. Inclusive, percebermos que por mais que o horizonte comunista seja habitado por uma miríade de rebeliões igualitárias fracassadas, de “causas perdidas”, segundo G. K. Chesterton – que Žižek cita na conclusão do texto que encerra *Menos que nada* – “as causas perdidas são exatamente aquelas que poderiam ter salvado o mundo” (ŽIŽEK, 2013, p. 646), e que retroativamente nossa ação no presente histórico é capaz de reivindicá-las como a necessidade de uma sociedade que tem como seu verdadeiro fracasso a ordem que hoje aparenta ser a vitoriosa.



## REFERÊNCIAS

- HEGEL, F. W. Georg. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas 1830. A Filosofia do Espírito*. Editora Loyola. São Paulo, 2011.
- HEGEL, F. W. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas 1830. A Filosofia da Natureza*. Editora Loyola. São Paulo, 2016.
- HEGEL, F. W. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas 1830. A Ciência da Lógica*. Editora Loyola. São Paulo, 2012.
- HEGEL, F. W. *Fenomenologia do Espírito*. Editora Vozes. São Paulo, 2016.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Editora Perspectiva. São Paulo, 2006.
- MILLER, Jacques-Alain. La psychanalyse, la cité, les communautés. In: *La Cause freudienne*, 2008/1 (Nº 68), pp. 105-119.
- OTA, Nilton. *O social e suas vicissitudes na psicanálise lacaniana*. In: *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 23, n. 1.
- SAFATLE, Vladimir. Lacan, revolução e liquidação da transferência: a destituição subjetiva como protocolo de emancipação política. In: *Revista Estudos Avançados*, v. 31, n. 91 (2017).
- ŽIŽEK, Slavoj. *Interrogando o Real*. Autêntica Editora. São Paulo, 2017.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. Editora Boitempo. São Paulo, 2013.
- ŽIŽEK, Slavoj. *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política*. Editora Boitempo. São Paulo, 2009.

